



APRESENTAÇÃO

E eis que, assim como a nossa democracia, a RCD está debutando! A Revista, no sentido mais literal do termo, completa sua décima quinta edição. Nossa democracia, no sentido mais figurado, mostra o seu vigor a partir das decisões do Supremo Tribunal Federal (STF) de punir aqueles que atentaram contra ela por meio de golpes de Estado. Mas, desde que foi idealizada a capa deste número, muitas águas já rolaram e, no momento, sofremos ameaças de retrocessos nas decisões judiciais do STF que, caso se concretizem, trarão graves prejuízos a nossa jornada democrática e republicana. Que os guardiões da justiça possam garantir um bom desenvolvimento a esta jovem! Enquanto isso, sigamos cuidando das partes que nos cabem.

Na seção Diálogos, a aluna de mestrado do PPGCOM Valeska Sales Martins Fernandes nos concedeu a honra de conversar com Maíra do MST, a primeira representante do Movimento dos Trabalhadores Rurais do Rio de Janeiro a ser eleita para assumir uma cadeira na nossa Câmara de Vereadores. O diálogo ocorreu no âmbito da disciplina “Interfaces educacionais: mulheres a nível local e global”, ministrada pela professora Rosângela Malachias. Na conversa, a vereadora fala sobre sua trajetória política, explica como foi escolhida como candidata do MST, destaca as principais contribuições da sua candidatura e analisa a importância do protagonismo feminino e da participação dos jovens na política. Como aponta Maíra, ao lado do protagonismo político de uma jovem mulher, promover na cidade o debate sobre reforma agrária e a sua relação com a segurança alimentar constituem as principais contribuições da sua candidatura. Vale destacar que Maíra, uma liderança orgânica, escolhida pela coletividade da qual participa como sua representante, tem sua trajetória ligada à Uerj, onde cursou graduação e, agora, faz doutorado. Vivam as jovens mulheres da Uerj! Viva o MST! Muito obrigado, Valeska!

Na sequência, trazemos duas resenhas de alunos da Uerj. A primeira delas, do filme de curta metragem “Comunicação popular: quem faz?”, é um dos resultados do curso de Comunicação Comunitária ministrado por mim na Faculdade de Comunicação Social da Uerj no primeiro semestre de 2025. Produzido pelo Núcleo Piratininga de Comunicação, que realiza sólido trabalho de formação de jovens para a atuação como comunicadores populares, o filme apresenta, de forma condensada, alguns dos principais desafios da atuação neste universo. Por meio de uma análise ao mesmo tempo cuidadosa, perspicaz e crítica, Julyane Capanema de Souza Fogaça afirma as iniciativas de comunicação comunitária e as realizações audiovisuais produzidas pelos próprios jornalistas comunitários como signos de transformação social a partir da formação de subjetividades mais conscientes e dispostas a lutar por seus direitos como cidadãos. A resenha mostra como as referências do campo da comunicação comunitária são importantes para a formação ética, profissional e política dos alunos de comunicação social.

A resenha do filme “Cowspiracy: o segredo da sustentabilidade”, escrita por Hercilene Germiniano de Azevedo, constitui uma importante introdução para o dossiê “Comunicação, Educação e Sustentabilidade II”, que ocupará o nosso próximo número. O texto é um dos resultados do curso “Comunicação & Sustentabilidade”, ministrado por mim, no primeiro semestre de 2025. O filme, ao trazer à tona o debate sobre a produção e o consumo de carne vermelha, revelando o seu real peso para a degradação ambiental, constitui um marco para essa temática. Os processos investigativos dos diretores Kip Andersen e Keegan Kuhn em busca de explicações sobre porque essa questão é negligenciada pelas principais ONGs que lidam neste universo e quais seriam as possíveis soluções para enfrentar o problema são cuidadosamente relatados pela autora da resenha. Além disso, Hercilene traz informações complementares e relativizações que atualizam os impactos do filme sobre a questão, permitindo reflexões que vão para além do produto analisado.

Por meio de uma resenha que explora os diversos elementos semióticos do filme de longa metragem “Eu vi o brilho da TV”, Amanda Victoria Decothé da Silva Ferreira nos instiga a refletir sobre os processos de formação da subjetividade queer. Em uma narrativa recheada de signos estéticos, o filme aborda as dificuldades de um jovem no processo de reconhecimento da sua identidade de gênero. Além de contextualizar a obra dentro do cenário cultural e político norte-americano atual, a resenha traz algumas indicações literárias e audiovisuais sobre o tema. A extremamente sensível resenha da autora traz, ainda, uma breve análise sobre como o público vem recebendo e posicionando-se nas redes sociais em relação ao longa.

No primeiro artigo deste número, Adriano Bidão revela uma Ipanema que ninguém vê: aquela que mora nos pequenos apartamentos fornecidos aos porteiros. Poucos sabem, também, que foram estes que, muitas vezes, construíram os próprios prédios, recebendo como recompensa o emprego de porteiro e a moradia associada. Por meio da análise de um filme produzido pelo próprio autor sobre o tema, o texto nos revela não só uma outra Ipanema, mas também uma série de questões relacionadas ao universo da profissão de porteiro: seu cotidiano, as relações familiares e com os moradores dos prédios, as discriminações sofridas etc. Adriano nos oferece, também, breves análises sobre outros filmes que tratam o tema, compondo um mosaico que mostra como o cinema brasileiro vem tratando da questão. O artigo que, como percebe-se, contém diversas camadas para análise, aponta também para as contradições relacionadas às transformações sociais ocorridas nas universidades públicas brasileiras nos últimos anos e, conseqüentemente, na subjetividade daqueles que por estas passaram. Todavia, a honra de publicar este texto está além do seu conteúdo. O processo editorial para a publicação deste texto revelou um pesquisador e cineasta extremamente sensível, autêntico, reflexivo e corajoso, valores em extinção no mundo atual. Reside aí a beleza maior do resultado deste processo, um dos maiores presentes já recebidos pela RCD. Obrigado, Adriano!

Em seguida, Antônio Marques P. Filho, por meio da análise de quatro poemas do livro “Ou isto ou aquilo”, nos remete ao universo poético de Cecília Meirelles, apontando para a sua contribuição à literatura infantil. Após um breve histórico sobre como surgiu a literatura voltada para este público específico e uma introdução ao conceito de imaginação, o autor verifica como os elementos da natureza aparecem na poesia da referida autora, destacando as figuras de linguagem e revelando os diversos significados que emergem em cada um dos poemas. Por meio de suas análises, o autor atualiza e revela novas facetas da obra de uma das nossas mais importantes poetisas.

No terceiro artigo deste número, Luciana Pereira da Silva traz à tona uma questão historicamente negligenciada, mas que começa, aos poucos, a entrar na agenda social: o

direito de acessibilidade comunicacional (AC) para pessoas com deficiências auditivas e visuais. Para tal, após apresentar um arcabouço legal e teórico que afirma a relevância deste direito, a autora analisa os recursos de acessibilidade para pessoas com tais dificuldades em quatro museus da cidade de Recife-PE. Como resultado, a autora percebe que, embora a bibliografia localize o contexto atual como de “inclusão social” para pessoas com deficiências, na realidade, ainda temos um longo caminho a ser percorrido para a efetivação dos direitos de AC para este público. A autora verificou que os recursos de AC para pessoas com deficiências auditivas e visuais nos museus pernambucanos são pontuais e que, nesse sentido, não podemos ainda dizer que há uma política clara para viabilizar o acesso desta parcela da população com autonomia. A pesquisa realizada, de caráter exploratório, alerta para a necessidade de novas pesquisas empíricas sobre o tema e para mostrar a relevância de campanhas e políticas públicas que incluam, com mais efetividade, a significativa parcela da população que se vê ainda privada dos seus direitos básicos de cidadania.

Os dois últimos artigos deste número referem-se ao debate acerca da introdução da inteligência artificial (IA) na dinâmica social. Ambos de caráter exploratório, dada a novidade dessa questão na nossa vida, propõem-se mais a discutir ideias e conceitos ao redor do tema do que a analisar um material empírico. O primeiro deles, escrito por um grupo de pesquisadores da Universidade de São Paulo, discute como a ideia de criatividade é afetada pela introdução da IA nos diversos campos. Os autores mostram como a IA está alterando a produção em diversas áreas, e questionam as possibilidades e limites do conceito de “criatividade aumentada”, concluindo que será a ética o grande balizador para sua validação. Por último, Mariana de Mello Borges traz algumas reflexões sobre os efeitos da integração da inteligência artificial generativa aos mecanismos de busca do Google. Por meio de algumas experiências com a utilização do buscador, a autora mostra como a imprecisão nas respostas obtidas acende um alerta para a tendência à propagação de informações com conteúdos distorcidos, equivocados ou mesmo falsos. Em tom prescritivo, a autora sugere que o problema deve ser enfrentado por meio da educação digital, da regulação do setor e da utilização ética dessas novas ferramentas.

Está no ar o número 15 da RCD! Boa leitura!